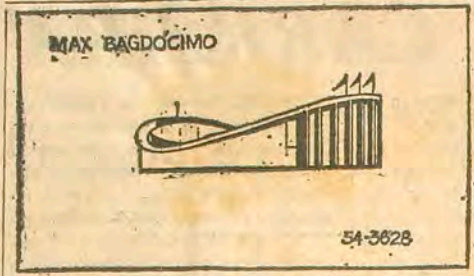


ITINERARIO DAS ARTES PLASTICAS

OP X POP

ou uma Opção duvidosa

JOSE LINO GRUNEWALD



Quando Mr. Alfred Barr Jr. esteve aqui no Brasil, durante a Bienal de 1957, ao observar os trabalhos dos concretistas brasileiros, assim se manifestou: "Bauhaus exercises" — enfático, distante, imperturbável. Hoje, o mercado norte-americano começa a se abarrotar da chamada *op-art*. E o que é a *op-art* (uma espécie de contrapartida sonora à *pop-art*)? São os mesmos Bauhaus exercises, sob a inspiração mais longínqua da ambivalência espacial proposta por Albers (antes de haver iniciado as suas instigantes experiências com a *côr*, segundo a técnica de desdobramentos de quadrados dentro de um quadrado, que teria como ponto de partida o quadrado da própria moldura) e, depois, sob o comando direto das produções de Vasarely. Este, de início, o inaugurador da sigla *plástica cinética*, fartamente lançada e documentada — há uns sete ou oito anos atrás — no número 3 da revista *Quadrum*.

Não importa, no caso, saber das adesões, reações ou decepções. Pode ser uma simples permuta de mercado. Quando o informal, o *tachismo*, a *pintura gesticular* (cuja demonstração mais furiosa foi a de Mathieu), o *caligrafismo* oriental ou ocidental-expressionista estavam ululando no auge, caiu — de repente — o pano sobre mais um ato das fases da pintura; ou da moda ou do mercado. E abriu-se a querela *op x pop*, até certo ponto artificial.

Este debate não é inédito na experiência brasileira. Depois da arancada do Grupo Frente, os artistas plásticos concretos de São Paulo tentaram formular o movimento virtual, mediante o processo de seriação de formas geométricas. As experiências foram inúmeras, na pintura, no desenho, na escultura (Cordeiro, Charoux, Sacilloto, Weissman, Fiaminghi e outros). Logo a seguir, Lígia Clark, aqui no Rio, abandonando o problema da seriação de formas, conduziu aquele problema típico de Albers — da ambivalência espacial — até o rompimento da moldura, fazendo com que o virtualismo cinético respirasse além e fora do quadro. O ciclo estava logicamente fechado e cada grupo ou cada artista, individualmente, procurava outros caminhos, novas formulações — tudo isso já enquadrado na crise da própria arte. Alguns concretos, voltando a se inspirar em Max Bill (que, antes, já havia proporcionado a rota com a tese da matemática das formas) se agarraram às constâncias da última fase do mestre suíço: a modulação de intensidades cromáticas. Lígia Clark

ingressou na escultura e fez essa ambivalência condicionar-se à manipulação de seus bichos pelos espectadores, que, assim, participavam da criação de formas. Veio, ao mesmo tempo, o não-objeto e o inflar de primitivos — alguns autênticos (e há a grande linhagem de Djanira), outros, não mais loucos nem crianças, porém intelectuais de gabinete. De súbito, a *pop-art* — aquele protesto social, ou desvario no vazio.

Ora, se a *op* não é mais do que a Bauhaus reinaugurada (sem falar nos problemas erigidos pelo grande Mondrian) ou Van Doesburg, ou os suprematistas russos, os construtivistas, ou Delaunay, ou Sophie Tauber-Arp), a *pop* não é mais também do que o dadá revisitado. Embora a abertura dadá, ampla, mesmo à *la diable*, fôsse, pela época, mais radical em termos estruturais. Se formos invocar a excepcional visada propiciada por Walter Benjamin sobre os problemas da obra de arte e seus critérios de reprodução, veremos que a *pop-art* encerra uma contradição essencial. Para WB essas técnicas de reproduzir constituem o próprio fundamento do ser da obra nos tempos modernos e, por isso, o cinema avultaria entre todos os meios de expressão. E qual o processo artesanal (e no artesanato já vai uma contradição na sinonímia de *pop* e *mass-communication*) dos que trabalham sob tal sigla? Em primeiro lugar, o falso anticulto daquilo que Benjamin considerava superado: a aura do objeto. Hoje, só é válido esteticamente o que é reproduzível em massa. A matriz por si só se consiste num mero programa, análogo ao programa dos que fazem poesia com os computadores eletrônicos — caso do professor Max Bense em Stuttgart (a poesia como uma atividade de programista de texto, com a execução deste último entregue à máquina). Os *pop* destroem, inutilizam e/ou mesclam materiais em bruto e objeto úteis ou hedonísticos (cadeiras enterradas em espelhos, bicicletas retorcidas, fragmentos de jornais, lixo, pedaços de roupa, sapatos, jarros, velas, etc.) e procuram — através da justaposição ou interpenetração entre esses materiais e/ou objetos — forjar relações sensíveis entre eles, impregnadas de significado analógico. É uma arte (?) densamente semântica. Não existe nenhuma intenção de harmonia e elide a permeação do pincel (que poderia pintar isto numa tela) para lançar as antiesculturais em bruto. A questão é que — além dos desperícios de inúmeros objetos úteis, certamente fora do alcance das classes mais pobres (cadeiras, mesas, bicicletas, etc.) — estamos diante do objeto uno e irreproduzível. Um objeto que só pode e deve ser exposto em galerias e que se esgota com a mensa-

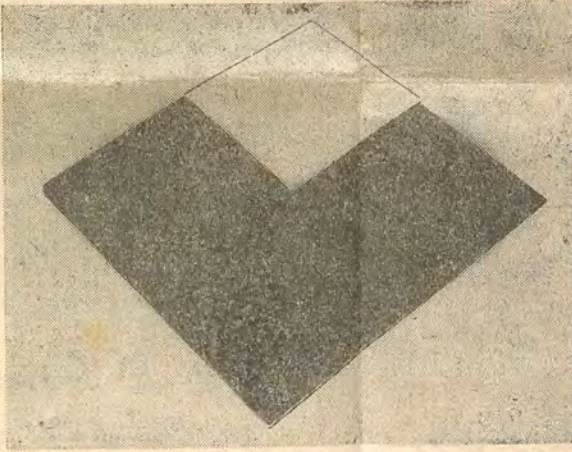
gem, isto é, com o descer da própria semântica.

Não se adornam tantas residências com *pops*, como são adornadas com pinturas, gravuras, desenhos, fotos ou esculturas. Não se integram com a mesma permanência nos complexos decorativo-arquitetônicos — como parece ser o destino dos quadros ou telas ou pequenas esculturas — ou nos complexos a *m b i e n t a* paisagísticos, como parece ser o destino das esculturas grandiosas. Assim, se o objeto *pop* traduz uma coisa que desmente o seu culto, a sua aura, ao mesmo tempo cai numa contradição hedonística, voluptuária, por maior que seja a autenticidade de um espírito de revolta ou de inconformismo de quem o forjou. E o antibelo — ao mesmo tempo — a sua capacidade de comunicação limita-se à conjuntura estática de um espaço real. Até porque — reproduzido — transforma-se em quadro: ironia das ironias.

A *op-art* é um retorno racionalista à aura. Mas pode ser uma aura falsa. O mundo está inundado de fotografias, cartazes, anúncios e produtos do desenho industrial. E, nisso, oscilamos entre o orgânico ou o inorgânico das estruturas, o geométrico ou o informal. Quantas marcas de produtos médicos, de perfumes ou *lingerie* não superam as "invenções audaciosas" da *op-art*? Enquanto alguns artistas trabalham para essa obra isolada, milhões de técnicos difundem despreziosamente milhões de objetos análogos, universo afora. A informação estética é igual.

Daí também o *tertius optativo* do neofigurativismo. Mas a recíproca é idêntica. A máquina fotográfica ou com as equipes gráficas difundem maciçamente as figuras impressionistas, realistas, expressionistas, surrealistas. Assim, o artesanato talvez apenas encontre sua larga saída nos murais, nos painéis — de igrejas, lojas, bancos, etc. — mas, até nisso, cairá na verdade da pintura de cavalete ou da escultura (seja de volume, ou modulando o espaço): um elemento da integração arquitetônica.

A revolução industrial, paulatinamente, foi liquidando o culto do objeto — da coisa puramente em si, voluptuária. A ascendência é dos objetos úteis (corporais ou residenciais) que, inclusive, na medida em que se reconhece qual o verdadeiro processo das formas, vão ganhando novos foros de requinte, uma procura mais rigorosa e inventiva de estilização. Suprir a superfície com o belo hedonístico, pois, estruturalmente, a beleza do objeto isolado é, cada vez mais, a sua funcionalidade. A própria facilidade com que — atualmente — se falsificam as obras de arte já denuncia a alienação do artesanato como um fim em si mesmo. Pois, a obra em reprodução, desconhece tal contingência.



24 ARTISTAS ESTRANGEIROS

GRAVURAS

INAUGURAÇÃO DIA 13
AS 21,30 HORAS

GALERIA BONINO

RUA BARATA RIBEIRO, 578 — TEL.: 36-7534
39746

GALERIA
Rua Prudente de Mo-
rais, 129 — Aberta das
16 às 22hs.

Goeldi

EM EXPOSIÇÃO

Zoravia Bettiol — Xilogravuras
VASCO PRADO — ESCULTURAS
39745

GALERIA
TENREIRO

PIONEIRA NA CRIAÇÃO E EXECUÇÃO DOS MAIS AUTÊNTICOS MOVEIS BRASILEIROS DESDE 1940

- Poltronas de tinas
- Chaise-long-rède
- Poltronas de Embalo
- Moveis de linha estrutural e muito outros

R. TEIXEIRA DE MELO, 37 — PÇA GAL. OSÓRIO — IPANEMA

Galeria
Montmartre "Jorge"

ACERVO DA GALERIA
ANTIGUIDADES

AV. N. S. COPACABANA, 1142

GALERIA DE ARTEANATOS PARA INTERIORES LTDA.
tel. 47-7290

Visconde de Pirajá, 507 — Rio de Janeiro — Gb.

Gai

MÓVEIS
INTERIORES
ARTEANATOS
PRESENTES

ARTEFACT

Molduras

Rua Frei Caneca, 309/11 — Tel.: 52-1260

Holzäpfel
classe internacional em móveis para escritório

brafor

S. PAULO: Praça Roosevelt, 159 - Tel.: 34-6665 e 35-4454
RIO: Rua do México, 21-A — Tel.: 22-0180 e 32-7178

VIDA CATÓLICA

Santos Anjos da Guarda

Durante muito tempo a festa dos Santos Anjos confundia-se com a de São Miguel, da qual foi depois separada.

Já era celebrada na Espanha, no século XVI, sendo estendida à Igreja Universal por Clemente X, que fixou sua data no primeiro dia livre depois da festa de São Miguel.

De um modo geral tem-se como certo que todas as pessoas, famílias, instituições, possuem seu anjo custódio. Toda pessoa batizada tem também o seu.

O Anjo da Guarda tem por missão proteger aquele que lhe foi confiado levando-o de perigos e sobressaltos, de ciladas e tentações.

Tal fiel companheiro merece pois de cada um de nós veneração constante e perfeita.

A eles devemos tributar reconhecimento perene, pelos muitos benefícios que nos proporcionam.

NOSSA SENHORA DE NAZARÉ — A devoção de Nossa Senhora de Nazaré, que congrega a numerosa colônia parense desta cidade, de acordo com o vigário da Matriz de São Sebastião, à Rua Haddock Lobo, Frei Ja-

nuário De Cortino, organizou para este ano o programa das solenidades em sua honra, no domingo, 10 do corrente, antecedido nos dias 7, 8 e 9 pelo Tríduo consagrado à padroeira do Estado do Pará, o qual constará de missa às 18h, após a missa vespertina no altarmór dessa Matriz.

"O Rosário merece achar-se, de continuo, entre as mãos dos verdadeiros cristãos e ser piedosamente rezado e meditado."

LEAO XIII

SANTOS DE HOJE

Modesto, Cirilo, Teófilo, Eleutério, Celedário, Gerino, Primo.

SANTOS DE AMANHÃ

Cândido, Eraldo, Profano, Hesiquio, Fausto, Dionísio, Maximiliano.

— 17.º Domingo depois de Pentecostes.

Móveis de bom desenho e baixo preço. Objetos de adorno originais e exclusivos.

MEIA PATACA

móveis, interiores ltda.

RUA VISCONDE DE PIRAJÁ, 47 • TEL. 27-3090 • RIO DE JANEIRO